

# Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral – Vídeo

Pessoal, fiz um vídeo com parte do texto de Nietzsche chamado de “Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral” e está em caráter experimental.

Pretendo desenvolver pequenos vídeos esporadicamente sobre Filosofia para que possam ser usados em sala de aula.

[meuadsense]

---

## Lançamento da Revista Epistemologia

Pessoal,

A Revista Epistemologia lançou hoje, dia 16 de Dezembro, seu primeiro número. Tal revista é de Filosofia e versa sobre a especificidade da epistemologia e suas interfaces.

Acompanhe em <http://epistemologia.com.br> este e novos números da Revista que é Semestral.

*Embora nossa realidade demonstre uma falta de diálogo, por vezes evidenciada na forma como estruturamos todas as nossas ações, onde cenário político por vezes se dá como consequência de crenças mal explicadas, ou de coisas puramente da esfera da fé invadindo a laicidade do estado;*

*num mundo onde a suspensão dos juízos, coisa que deveria ser de um ideal filosófico nobre, acaba por ser utilizada como mera forma de silenciar o perspectivismo de abordagens ou de ideias (onde ela deveria ser uma fundamentação para a aceitação do diálogo e da construção do conhecimento pela possibilidade de múltiplas perspectivas de entendimento de nossa realidade); apesar destes contratempos (e talvez com mais força por causa deles) é necessário continuar a investigar:*

*Estudar o conhecimento, é algo desafiador e que insere uma possibilidade enorme de entendermos como o conhecimento é tomado como o próprio conhecimento.*

[Editorial da Revista Epistemologia](#)

---

## Retorno do blog

O Blog “Análise da Ciência” está no ar desde 2007 e de lá pra cá, falamos de um punhado de coisas, nos quais sempre relacionamos filosofia e ciência (e a problematização desta última).

Retornamos a edição do mesmo com algumas notícias interessantes:

1. [Revista Epistemologia](#) – Estamos iniciando uma revista de filosofia, voltada para epistemologia e suas interfaces. Com viés acadêmico, preza pela pesquisa e gratuidade dos artigos, publicando sua biblioteca de artigos sob a licença Creative Commons.
2. [Canal Meta Philo](#) – O canal é antigo, mas não tinha

exatamente este nome e agora iniciamos sua reformulação, com viés para o estudo da filosofia (beirando a meta filosofia).

---

## Links interessantes que valem o clique #04

Galera, estão aqui os links da semana que valem o clique.

- [0 Nobel de Química e Cristalografia](#)
- [0 que excita a mosquinha do vinagre](#)
- [Os comerciais mais famosos da Apple](#)
- [Saturno](#)
- [A Biotecnologia ao longo da história](#)
- [Feynman Series](#)
- [Primeiras imagens do telescópio ALMA](#)
- [ALMA, o mais complexo telescópio já está a trabalhar](#)
- [A morte de Edgar Allan Poe](#)
- [Aviões de Papel Samsusg](#)
- [Aviões elétricos](#)
- [O Prêmio Nobel](#)
- [Nobel de Química](#)
- [Nobel de Física](#)
- [Nobel de medicina](#)
- [Nobel da Paz](#)
- [Candidato a IgNobel?](#)
- [Porque a integração do Facebook é na verdade antissocial](#)
- [Proeminência Solar](#)
- [Nostalgia \(Internet\) \[Muito BOM!\]](#)
- [Site com Bibliografia Básica do Marxismo](#)
- [Curso de introdução à Inteligência Artificial](#)
- [Hangares dos dirigíveis](#)

- [Calvin e Jobs](#)
- [Idéias na cabeça](#)

[meuadsense]

*Arnaldo Vasconcellos*

---

## [Links interessantes que valem o clique #03](#)

Aqui galera, os links interessantes da semana.

- [Corre!](#)
- [Maguejo, Majorana e os neutrinos](#)
- [Tutorial: Criando Jogo no Blender](#)
- [A Física Nuclear: de Rutherford à bomba atômica](#)
- [Decifra-me ou te infecto](#)
- [Piadas científicas \(12\)](#)
- [Quiz Carboidratos](#)
- [Dançando na chuva](#)
- [Aerogel](#)

[meuadsense]

*Arnaldo Vasconcellos*

---

# [Links interessantes que valem o clique #02](#)

Links da semana. Vale a pena conferir.

[.meuadsense]

- [Neutrinos apanhados em excesso de velocidade?](#)
- [Mais rápidos que a luz?](#)
- [Para discutir na primeira aula de Filosofia](#)
- [Quinta missão da Arianespace 2011](#)
- [Ilusão de Óptica!](#)
- [Humor: curandeiros 3](#)
- [Humor: curandeiros 2](#)
- [Os bugs mais bizzaros do FIFA 2012](#)
- [Fonte dos memes](#)
- [Mensagem de Arecibo](#)
- [A quinta de Beethoven](#)
- [Tela Azul de Morte do Windows fica menos tenebrosa](#) (mas ainda prefiro meu GNU/Linux)

*Arnaldo Vasconcellos*

---

# [Links interessantes que valem o clique #01](#)

Pessoal, aqui estão links que acho interessante a leitura. Não somente para ler, mas também para refletir. Toda semana farei uma pequena seleção.

[.meuadsense]

- Astronomia
    - [Cometa Elenin desaparece](#)
    - [A formação da via láctea em filme](#)
    - [CoRoT-20b, um Júpiter Quente com a Densidade do Cobre](#)
    - [Grande Aglomerado Globular de Hércules](#)
    - [Fotografia Espetacular](#)
  - Física
    - [A máquina do gênese!](#)
  - Filosofia
    - [Filosofia: o que é isso?](#)
    - [Argumento de autoridade](#)
  - Política
    - [Bomba](#)
  - Curiosidades e Comportamento
    - [Fotografias de OVNIS \(não confundir com O.V.N.I.s\)](#)
    - [A incerteza pode ser pior do que notícia ruim](#)
    - [Experimento consegue impedir pessoas de mentirem \(será ?\)](#)
    - [Para Onde as Mulheres Olham num Homem](#)
    - [Dá pra ser feliz? Freud e Winnicott respondem \(parte 1\)](#)
- 

# Simpósio de Filosofia da Religião, Ontologia e Epistemologia (com

# transmissão via web)



[.meuadsense]

## *Diálogo com Alvin Plantinga*

### *1) Universidade de Brasília (UnB) – Brasília, DF*

*Data: 25 e 26 de agosto de 2011*

*Local: Campus Darcy Ribeiro da UnB – Auditório da FIOCRUZ  
(atrás do HUB)*

*Inscrições: Secretaria do Dep. de Filosofia da UnB (Campus Darcy Ribeiro, ICC norte, subsolo, módulo 24). Telefone: (61) 3107-6623.*

*25 de agosto, quinta-feira*

*9h – Divine Action in the World (Ação Divina no Mundo)*

*Prof. Dr. Alvin Plantinga – Notre Dame University*

*11h – Exclusivismo e pluralismo religioso*

*Prof. Dr. Scott Randall Paine – UnB*

*12h30 – Almoço*

*14h30 – Plantinga e o Problema do Mal*

*Prof. Dr. Roberto Pich – PUCRS*

*16h – Alvin Plantinga e o Argumento Ontológico*

*Prof. Dr. Nelson Gomes – UnB*

*26 de agosto, sexta-feira*

*9h – Plantinga e Soren Kierkegaard*

*Prof. Dr. Marcio Gimenes de Paula – UnB*

*10h30 – Plantinga e Richard Swinburne*

*Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal – UnB*

*12h – Almoço*

*14h30 – Science and Religion: Where the Conflict Really Lies  
(Ciência e Religião: Onde o Conflito Realmente está)*

*Prof. Dr. Alvin Plantinga – Notre Dame University*

***2) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
(PUCRS) – Porto Alegre, RS***

*Data: 29 e 30 de agosto de 2011*

*Local: Campus Central da PUCRS, Auditório do Prédio 5, Porto Alegre / RS*

*Inscrições: Secretaria do PPG em Filosofia da PUCRS, Prédio 05 do Campus Central da PUCRS, Sexto Pavimento. Telefone: (51) 3320-3554*

*29 de Agosto (segunda-feira):*

*14h Conferência: Warrant and Proper Function (Aval epistêmico e função própria), Prof. Dr. Alvin Plantinga – University of Notre Dame*

*16h – 18h: Debates*

*– Plantinga, aval e anulabilidade epistêmica – Prof. Dr. Cláudio Almeida (PUCRS)*

*– Um pouco mais sobre o aval epistêmico e a accidentalidade da crença – Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich (PUCRS)*

*– Plantinga e a justificação bayesiana de crenças – Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal (UnB)*



*30 de Agosto (terça-feira):*

*14h: Conferência: An Evolutionary Argument against Naturalism (Um argumento evolucionário contra o naturalismo), Prof. Dr. Alvin Plantinga – University of Notre Dame*

*16h – 18h: Debates*

*– Plantinga sobre a Natureza da Necessidade – Prof. Desidério Murcho (UFOP)*

*– Plantinga e a epistemologia da religião – Prof. Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira de Ijuí – FBPI)*

*(FONTE: ABFR e Folder de divulgação)*

Pessoal, na parte do evento que for na UnB será transmitido via [web](http://www.livestream.com/simposiodefilosofia) (no endereço <http://www.livestream.com/simposiodefilosofia>) mais informações no site da ABFR [www.abfr.unb.br](http://www.abfr.unb.br).

*Arnaldo Vasconcellos*

---

## **Simpósio Internacional da Filosofia da Biologia – UnB**



### **PROGRAMA**

*QUARTA-FEIRA (8/06)*

**9:00hs** *Palestra Estela Santilli (Universidade de Buenos Aires)*

*Pluralismo evolutivo: consenso ou justaposição?*

**10:30hs** *Palestra Cláudia Sepúlveda (Universidade Federal da Bahia)*

*O debate adaptacionismo versus exaptacionismo e suas implicações para a biologia evolutiva*

**11:45hs** *Palestra Charbel Niño El-Hani (Universidade Federal da Bahia)*

*Como entender o gene no século XXI?*

**13:00hs** *Intervalo para almoço*

**14:30hs** *Palestra Pablo Lorenzano (Universidade Nacional de Quilmes)*

*Mais sobre leis e teorias em biologia: o caso da seleção natural*

**16:00hs** *Palestra Sergio F. Martínez Muñoz (Universidade Nacional Autónoma do México)*

*O que é um mecanismo e como serve para explicar um processo?*

**QUINTA-FEIRA (9/06)**

**8:30hs** *Palestra Maximiliano Martínez Bohorquez (Universidade Autónoma Metropolitana, UAM-C)*

*Seleção natural e restrições no desenvolvimento: uma análise comparativa para a biologia evolutiva do desenvolvimento (EvoDevo)*

**10:00hs** *Palestra Diogo Meyer (Universidade de São Paulo)*

**11:15hs** Palestra Karla Chediak (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

*Representação e contexto: uma avaliação da crítica de Millikan a Dretske*

**12:30hs** Intervalo para almoço

**14:00hs** Palestra Alejandro Rosas (Universidade Nacional da Colômbia)

**15:30hs** Palestra Rosana Tidon (Universidade de Brasília)

*É possível classificar os ambientes em naturais e artificiais?*

**SEXTA-FEIRA (10/06)**

*Painel sobre 'Evolução Humana' (primeira sessão)*

**8:30hs** Comunicação Paulo C. Abrantes (Universidade de Brasília)

*Mente e cultura nas abordagens atuais da evolução humana*

*Comunicação Sergio F. Martínez Muñoz (Universidade Nacional Autónoma do México)*

*A evolução da cultura material e seu papel em modelos de evolução cultural*

*Comunicação Fábio Portela L. de Almeida (Universidade de Brasília)*

*A evolução da mente normativa: origens da cooperação humana*

*Comunicação Filipe Cavalcanti da Silva Porto (Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

*A influência do cozimento na evolução humana*

*Comunicação Gustavo Leal Toledo (Universidade Federal de São João Del-Rei)*

**12:30hs** *Intervalo para almoço*

*Painel sobre 'Evolução Humana' (segunda sessão)*

**14:00hs** *Comunicação Nilda Maria Diniz (Universidade de Brasília)*

*Comunicação Silviene Oliveira (Universidade de Brasília)*

*Migração e miscigenação na formação de povos*

**15:15hs** *Comunicação Francisco Dyonisio C. Mendes (Universidade de Brasília)*

*Modelos animais no estudo da evolução humana*

*Comunicação Guilherme Sá (Universidade de Brasília)*

*Do proto-humano à humanidade prototípica: uma história cultural da primatologia*

**16:15hs** *Palestra de encerramento do Simpósio*

*Waldenor Barbosa da Cruz (Universidade de Brasília)*

*Biologia teórica e Filosofia: uma trajetória pessoal.*

*(Retirado do blog do evento:  
<http://simpfilbio.blogspot.com/p/programa.html>*

**Arnaldo Vasconcellos**

---

# 39ª Semana de Filosofia no Brasil – UnB

Abaixo a divulgação do evento. Ocorrerá na UnB (Universidade de Brasília) de 06 a 10 de junho. Memorial Darcy Ribeiro, Campus Universitário.

## ***Apresentação***

*Qual é a situação atual dos estudos filosóficos no Brasil e na América Latina? Por que nos departamentos de filosofia não são ensinados os filósofos brasileiros e latino-americanos? Não sendo eles considerados genuínos filósofos, qual é a noção de filosofia que se utiliza para operar tal exclusão? Quais são os pensadores que Brasil já teve? Fomentam os departamentos de filosofia o desenvolvimento de filósofos? A 39ª Semana de Filosofia da UnB se propõe refletir sobre estas questões, convidando 6 estudiosos do pensamento nacional e latino-americano, 3 deles coordenadores dos mais importantes grupos de estudo de Filosofia no Brasil.*

## **PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO EVENTO**

*39ª SEMANA DE FILOSOFIA DA UNB, “FILOSOFIA NO BRASIL”.  
De 6 a 10 de junho de 2011. Memorial Darcy Ribeiro, Campus Universitário*

### ***DIA 6 DE JUNHO***

*19 horas. ABERTURA OFICIAL DO EVENTO.  
Homenagem a o professor ANTONIO PAIM, com a sua presença.  
Conferência inaugural do professor LUIZ ALBERTO CERQUEIRA (UFRJ). “A Idéia de Filosofia Brasileira em Função da Vivência de Problemas”.*

### ***DIA 7 DE JUNHO***

*9 a 11,30. Conferência do professor JOSÉ MAURICIO DE CARVALHO (Universidade federal de São João del Rei). “A Questão*

*Metodológica na Filosofia Brasileira”.*

*14 a 17,30. MESA EUDORO DE SOUZA: SOBRE A QUESTÃO HISTÓRICA*  
*Coordenador da mesa: Coordenador da mesa: Professor Julio*  
*Cabrera. Participantes: professores Paulo Margutti, Luiz*  
*Cerqueira, José Maurício e Licenciado Bruno Borges (da*  
*Organização do Colóquio Eudoro de Souza). Descrição: As*  
*grandes linhas históricas do pensamento brasileiro; alguns*  
*clássicos modernos e contemporâneos do pensamento brasileiro*  
*e latino-americano; o resgate das fontes reflexivas desse*  
*rico acervo cultural, e temas correlatos.*

*19 horas. Conferência do professor PAULO MARGUTTI (Ex-UFMG e*  
*FAJE). “As relações entre o pensamento filosófico brasileiro*  
*e o ensino de filosofia no Brasil”.*

*DIA 8 DE JUNHO*

*9 a 11,30. Conferência do professor CARLOS PÉREZ ZAVALA*  
*(Universidad Nacional de Rio Cuarto – Argentina). “Arturo A.*  
*Roig y la decolonialidad”.*

*14 a 17,30. MESA DARCY RIBEIRO: SOBRE A QUESTÃO POLÍTICA.*  
*(Coordenadora da mesa: Larissa Benetti. Participantes:*  
*professores Wanderson Flor, Julio Cabrera, Jonatas Álvares*  
*(Pós-graduação) e Vinicius Saldanha (Graduação). Descrição:*  
*Atuais condições sociais, políticas e culturais das*  
*atividades filosóficas em países dependentes como os latino-*  
*americanos; natureza, formas e alcances do filosofar das*  
*universidades, as possibilidades de novos tipos de*  
*relacionamento com o pensamento europeu e temas correlatos).*

*19 hs. Palestra do professor LEONARDO ALMADA (UFG). “Como*  
*podemos justificar hoje a idéia e o estudo de Filosofia*  
*Brasileira?”.*

*DIA 9 DE JUNHO*

*9 a 11,30. Palestra do professor RODRIGO DANTAS (UnB).*

*“Tradição, ruptura e criação: sob que condições é imprescindível filosofar?”*

*14 a 17,30. MESA PAULO FREIRE: SOBRE ENSINO DA FILOSOFIA (Coordenadora da mesa: Prof. Ana Miriam Wuensch. Participantes: professores Pedro Gontijo, Gabriele Cornelli e estudantes Thiago Costa (Pós-graduação) e Rafael Alves (graduação). Descrição: Condições de formação de estudantes de filosofia no contexto da situação atual das atividades filosóficas no Brasil; possibilidades de um pensamento crítico e independente voltado para a realidade brasileira; a questão da filosofia no ensino médio e a importância do conhecimento da história da filosofia como diferencial profissional do professor de filosofia, e temas correlatos.*

*19 horas. Palestra do professor GONZALO ARMIJOS (Goiás). “El como y el qué del filosofar”.*

#### *DIA 10 DE JUNHO*

*9 a 11,30. Palestra do professor AGNALDO PORTUGAL (UnB). “Henrique Vaz e o caráter estruturalmente religioso do ser humano”.*

*14 a 17,30. MESA OSWALD DE ANDRADE: LABORATÓRIO DE TEXTOS FILOSÓFICOS (Coordenadora da mesa: Telma Lago. Participantes: Grupo FIBRAL (CNPq) (coordenado por Julio Cabrera) e convidados: Marcus Valério XR (Fibral), Murilo Seabra, Gabriel Silveira e Roberto Sobral. Descrição: Apresentação, num viés de investigação experimental, de textos filosóficos em estilos alternativos (aforismos, imagens, diálogos, entrevistas, narrações, etc) como efetivas formas de reflexão).*

*19 horas. Conferência de encerramento do professor NELSON GOMES, sobre “Filosofia Universitária (Histórico do Departamento de Filosofia da UnB, a 25 anos da sua fundação)”. Com a presença de professores fundadores do*

departamento: CELESTINO PIRES, RAYMUNDO DAMASCENO, ESTEVÃO DE REZENDE MARTINS, GUILLERMO TERMENÓN e UBIRAJARA CALMON.



Folder - frente



Folder - verso

*Arnaldo Vasconcellos*

---

## Curso a distância de introdução à filosofia

Curso via internet no qual será abordado o que podemos conceber como *Filosofia*, suas peculiaridades e uma breve história. Curso dividido em 5 módulos semanais.

Será ministrado via plataforma Moodle, em [cursos.networkcore.eti.br](http://cursos.networkcore.eti.br). Terá a duração de 5 semanas e o curso será dividido em 5 módulos semanais.

Ao se inscrever no curso, caso não possua cadastro de usuário no site [cursos.networkcore.eti.br](http://cursos.networkcore.eti.br) será gerado uma para que possa acessar o material.

*Turma 1:*

**Inscrição até:** 28/02/2011. **Início do curso:** 01/03/2011.

**Investimento:** R\$ 5,00 (via pagseguro).



Pagar



Arnaldo Vasconcellos

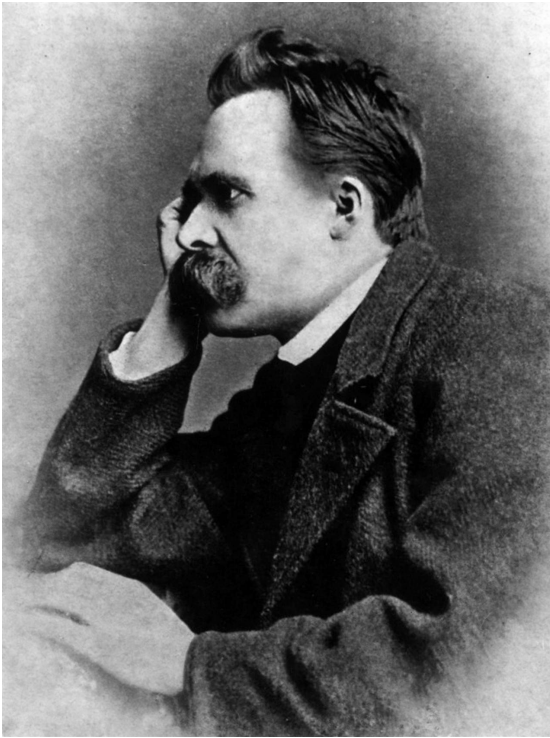
---

# A invenção da verdade e do conhecimento: a importante crítica de Nietzsche em “A verdade e mentira no sentido extramoral”

**A invenção da verdade e do conhecimento: a importante crítica de Nietzsche em “A verdade e mentira no sentido extramoral”**

**(1) (2)**

O texto de Nietzsche intitulado “Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral” inicialmente guarda em si uma crítica contundente à verdade e ao conhecimento, que vale ser salientado em nossas perspectivas epistemológicas; e que é interessante ter contato em qualquer altura de nossos estudos para refletirmos um pouco a respeito do que é o conhecimento.



Nietzsche

A crítica que o texto supracitado guarda é de suma importância e é um tanto desconcertante, quando mergulhados estamos, pois, na rotineira tentativa de estabelecer a verdade, e não tão rotineira, porém já comum pergunta em saber o que é de fato a verdade.

Os termos “verdade” e “conhecimento” são usados numa consonância semântica tênue (não há uma divisão clara a respeito) e o leitor precisa estar um pouco dissolvido da obsessão de tentar separá-las definitivamente. Isso pode soar um pouco esquisito a um analítico; mas se fizermos de tal forma poderemos notar o tom da crítica ácida e da revelação extraordinária que Nietzsche nos dá em seu texto: uma revelação acerca do engano que o conhecimento encerra sobre si.

Uma pequena anedota é contada no início, para que o leitor se mantenha alinhado à visão de que o conhecimento perante a história universal poderá ser pequena e uma invenção, acima de tudo. [.meuadsense] A invenção do conhecimento, que já é uma expressão forte, é tomada como algo efêmero, mas cheio de

“soberba”, cheio-de-si. E ao mesmo tempo enganadora. E é enganadora, mentirosa, pois seu lugar de um “rápido minuto” é posta como um centro universal; transmutando a pequenez do intelecto humano como se fosse o centro da razão do universo existir.

A seguir Nietzsche informa que até mesmo uma mosca, inundada com um pouco deste intelecto sobrevoaria o mundo, envolvida num *pathos* ou seja, influenciada por se achar o centro do mundo. A razão, a verdade, o conhecimento, portanto, engana o homem, como se este fosse um detentor de algo, que não possui e que foi criado por ele mesmo.

É um *pathos* na medida em que é uma afetação do comportamento humano perante à grandiosidade da natureza. E é uma afetação que tornou-se, para o homem necessária, para que ele esqueça justamente a posição ínfima e efêmera que pode ter no universo natural, como um todo. É um instinto de sobrevivência, que Nietzsche coloca muito pontualmente.

Está então explicado o porque o intelecto faz este homem esquecer de sua origem, de sua pequenez: a infelicidade é mascarada, assim por uma invenção humana. É uma invenção mentirosa pois.

Assim o conhecimento o põe como centro de um universo, para que este sobreviva, no ínfimo minuto em que a invenção se põe em funcionamento. Assim o efeito geral deste conhecimento, e do intelecto, é portanto enganar. (p. 53-54).

O engano é portanto um mecanismo no qual o indivíduo humano, fraco, é capaz de conservar-se vivo, feliz. É um instinto tão intenso que, o próprio Nietzsche afirma que o que seria em animais a luta com chifres pela conservação no homem está presente sob o mascaramento, o mentir, a dissimulação (p. 53) e a verdade e o conhecimento não fogem deste instinto de dissimulação.

Em seguida, Nietzsche argumenta, e esta é uma das chaves de

sua argumentação, que o homem não tem um impulso à verdade por honestidade, mas sim por conservação. Pergunta-se ele, então, como pode o homem ter um impulso honesto, efetivo, para a verdade?

O homem para Nietzsche está imerso na mentira, na ilusão, que o conhecimento encerra, para que sobreviva à imensidão da natureza que o circunda: assim, então como poderemos chegar a alguma verdade, mesmo não tendo acesso profundo das coisas? Ou ainda pior: não podemos encontrar na verdade nenhum impulso advindo da honestidade. É um impulso enganatório.

A consciência é, portanto, um invólucro que impede que trivialidades da natureza atinjam-nos a alma: é uma enganação, também, com um cunho moral (com aquele mesmo impulso de sobrevivência)

Assim o impulso à verdade é um instinto de sobrevivência, e também uma ilusão, pois nos coloca como um “centro” do mundo, sem que suspeitemos de sua enganação. Não é, portanto, um impulso dirigido a alguma suposta honestidade. (p. 54).

Necessitamos sobreviver, tanto sós e em conjunto (em rebanho, para Nietzsche) e assim esse impulso é para a sobrevivência. Seja em tratados de paz ou outros, como pressuposto de atingirmos uma verdade. Sugiro aqui sérias críticas de Nietzsche à Kant e seu ideário moral. Assim a verdade como instinto de sobrevivência tem um elo com a moralidade, também criada para a sobrevivência de seres fracos que somos.

A seguir Nietzsche faz uma reflexão sobre a linguagem, pois esta possui o poder de “legislar” sobre a verdade (p. 54).

A linguagem seria, então, para ele um fixador do que é a verdade e o que pode ser a mentira: e isto nasce na medida em que se busca sobreviver socialmente.

Argumenta que o homem não desgosta da ilusão, mas sim dos efeitos nefastos que a ilusão pode ocasionar, se ela chegar a

ocasionar ao mesmo. E assim deseja as conseqüências agradáveis que a verdade poderia proporcionar (p. 55).

Desta forma ele se pergunta “É a linguagem a expressão adequada para todas as realidades?”. E este seu questionamento está alinhado com a noção de que a realidade que tomamos é uma mera perda de metáforas sem a noção da genealogia que a cerca.

Além destes questionamentos, Nietzsche afirma o seguinte: que o homem esquece da verdade tautológica (que é vazia, portanto) e parte para manipulações fantasiadas do mundo que lhe causam uma *sensação* de que há um conhecimento, uma verdade. O que faz com que este homem “compre eternamente ilusões por verdades” (p. 55).

A partir deste ponto Nietzsche questiona acerca da linguagem esmiuçando por exemplo o que seria a palavra, como uma corruptela tautológica de termos criados por nós e que julgamos serem estojos de conhecimento. Diz que a cobra por exemplo (no alemão) vem de enrolar-se, e o termo é usado como se fosse uma descoberta a conexão entre uma e outra coisa: quando na verdade uma estará contida tautologicamente na outra.

O exemplo dado da palavra vem justamente para ilustrar o quão enganador é o esquecimento das categorias que nós mesmos criamos. E ainda a multiplicidade de línguas é usada por Nietzsche como argumento para endossar o quanto é arbitrária as nossas delimitações. E delimitações tais que são postas na linguagem.

Em seguida argumenta que a “coisa-em-si” é incaptável para a linguagem e nem importa para tal (isso se a coisa-em-si for uma verdade pura).

Demonstra a seguir o quanto se perde em representações desta coisa-em-si e o quanto esquecemos disto. A coisa é representada por um estímulo cerebral, que é representada por um som em seguida sucessivamente. Assim as representações se

perdem. E o homem não nota-se desta perda, mas sim se alimenta desta perda, se enganando. E essa enganação gera uma sensação de verdade, de conhecimento. Assim acreditamos que sabemos das coisas, segundo Nietzsche. (p.55).

Portanto sem a gênese da linguagem e no esquecimento das perdas de sucessivas metáforas, nos distanciamos do que poderia ser realmente uma coisa-em-si.

Assim, é uma invenção, inclusive do filósofo que se põe a falar “telescopicamente” sobre o mundo, e sobre o que julga ser verdade.

Portanto, Nietzsche faz uma importante argumentação em que a generalização, a conceituação, as bases do conhecimento, além de serem uma sequência de perdas entre a coisa real e as nossas metáforas, também é uma generalização baseada na vivência, que despreza as desigualdades individuais entre objetos individuais, tornando-os iguais num conceito. Desta feita, a conceituação parte-se de um movimento de abandono arbitrário das características que individualizam objetos.

Da mesma forma a “honestidade” é encarada por ele como um conceito criado por base neste “abandono arbitrário de desigualdades particulares”, só que relacionada a atos e comportamentos, em prol de deixar ações que são individuais entre si a participar de um conceito, que é uma qualidade criada arbitrariamente, uma “*qualitas occulta*” (p.56) nas palavras do próprio Nietzsche. A “honestidade” é uma qualidade arbitrária e a moral é um senso enganador criado para a sobrevivência mentirosa de certos animais: humanos.

Portanto esse “impulso à verdade” é uma enganação, e a sensação de se atingir à verdade se dá no esquecimento que estamos a nos enganar quanto a isto tudo. O homem, portanto, forja verdades, e se sente, por meio do esquecimento, como se fosse um “grande habilidoso descobridor” (p. 58). As verdades são forjadas e nos esquecemos como estamos a mentir, isto é

para Nietzsche um importante leitmotiv de seu escrito "Sobre verdade e mentira no sentido extramoral".

Quanto a isso (ao esquecimento e ao forjar descobertas com base em categorias criadas arbitrariamente) as palavras de Nietzsche são claras:

*"Como gênio construtivo o homem se eleva, nessa medida, muito acima da abelha: esta constrói com cera, que recolhe da natureza, ele com a matéria muito mais tênue dos conceitos, que antes tem de fabricar a partir de si mesmo. Ele é, aqui, muito admirável – só que não por seu impulso à verdade, ao conhecimento puro das coisas. (...) Se forjo a definição de animal mamífero e em seguida declaro, depois de inspecionar um camelo: 'Vejam, um animal mamífero', com isso decerto uma verdade é trazida à luz, mas ela é de valor limitado, quero dizer, é cabalmente antropomórfica e não contém um único ponto que seja 'verdadeiro em si', efetivo universalmente válido, sem levar em conta o homem. O pesquisador dessas verdades procura, no fundo, apenas a metamorfose do mundo em homem, luta por um entendimento do mundo como uma coisa à semelhança do homem e conquista, no melhor dos casos, o sentimento de uma assimilação." (p. 58).*

Portanto o homem cria verdades baseadas em si mesmo, são verdades, segundo já explicitado, criadas pelo abandono arbitrário das desigualdades e busca o entendimento do mundo com esse conceitual, com essas ferramentas: uma busca antropomórfica de entender o mundo como a si. Como se fosse o homem detentor dos "gonzos girantes" do universo (p.53). E a sensação, o sentimento de conquista intelectual, de entendimento, acontece com o esquecimento de que forjamos conceitos com base em abandonos arbitrários em prol de uma antropomorfização do universo.

E todo esse movimento que resulta num enganar-se a si mesmo, de centrar-se no universo e de pôr-se como criatura cujo intelecto perscruta todo universo, dá lugar a uma felicidade. Portanto a capacidade de se enganar encerra em si uma felicidade (p. 59).

Nietzsche argumenta que seja racional ou intuitivo, o homem almeja um domínio sobre a vida: e ao fazer isto o homem é feliz. O conhecimento e a verdade apenas torna o homem feliz por se centralizar num universo tão vasto; cuja felicidade, como já explicitado, dá-se pelo auto-engano e por um posterior esquecimento da invenção da verdade e do conhecimento que foi, inclusive, mantida por uma mentira velada e constantemente esquecida. (p. 60).

E Nietzsche termina dizendo que na infelicidade de se dar conta do engano, é que o homem passa se dar conta de sua pequenez e da insignificância da invenção mentirosa, segundo o mesmo, que o homem perfilou em construir para a sua felicidade e esquecimento. E é agora que pode por-se no lugar natural em que a mentira pôde ser revelada. Mentira tal que a "soberba" invenção tentou pôr em esquecimento.

E é exatamente por estas razões que Nietzsche inicia seu artigo dizendo que há de soberbo e mentiroso na verdade e no conhecimento, inventado como uma mentira voluptuosa e velada, que esquecida, nos deu a sensação de centralidade num universo, sem se dar conta da fugacidade de nossa existência e de como seria tão irrelevante todo este movimento se este ínfimo momento de conhecimento acabasse por completo (perante a toda a natureza).

É, pois, uma denúncia grave ao conhecimento e à verdade: de que são artimanhas enganadoras; o que contradiz o que pensamos constantemente acerca do que a verdade e o conhecimento pode representar.

[.meuadsense] Mesmo alguém que não esteja de acordo com a



argumentação de Nietzsche, é interessante ler o artigo, pois desperta uma dúvida a respeito da obsessão pela verdade e nos deixa mais atentos ao dogma que assumimos a respeito do saber e do conhecer. Não é uma crítica que causa um questionamento trivial: é uma crítica que derruba e destrói a confiança, e conseqüentemente, a nossa posição confortável de seres pensantes sobre o universo; nos mostra o quanto podemos conformar nossa visão do universo em relação ao nosso antropomorfismo.

É perturbador para o leitor, na melhor dos significados da palavra. E esta perturbação não é ruim. Assim torna-se claro o título que soa um tanto enigmático no início. Torna-se claro do porquê da verdade e mentira posta num sentido extramoral.

*Arnaldo Vasconcellos*

---

(1) – Artigo parcialmente baseado em trabalho originalmente apresentado em Teoria do conhecimento. UnB.

(2) – Utilizado o texto “Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral”. Edição da coleção “Os pensadores”. São Paulo – 2005.

---

## **0 dragão de minha garagem e o conhecimento de contato**

No livro “Os problemas da Filosofia” Bertrand Russell, examina de uma forma muito sóbria sobre vários aspectos da pesquisa filosófica. Entretanto, como o próprio autor afirma em seu prefácio, o livro tem muitas questões que deságua na teoria do

conhecimento. Também, pode-se notar não somente uma apresentação dos problemas da filosofia, mas sim dos problemas da filosofia sob a ótica russelliana, que trará conexões com suas ideias até então defendidas naquele momento. É o que vemos, entre vários itens, o caso da teoria correspondencialista da verdade, visível em vários capítulos, mas também, como posso citar, no capítulo “A natureza da matéria”, “O idealismo” e “conhecimento por contacto”, dentre outros.

Seria também muito bom citar que há de certa forma uma ligação entre sua teoria de correspondência da verdade, e com sua concepção de conhecimentos – estabelecidas formas de adquirir conhecimento: de verdade e de coisas, de trato e por descrição.

Russell, diz na página 106, quando explica da sua teoria sobre o conhecimento de contato, no capítulo abordando o “idealismo”, a seguinte asserção:

“Se tenho contacto com uma coisa que existe, o meu contacto dá-me o conhecimento de que existe. Mas não é verdade que, pelo contrário, sempre que posso saber que uma coisa de um certo género existe, eu ou alguém tem de ter contacto com a coisa. O que acontece, em casos em que tenho um juízo verdadeiro sem contacto, é que a coisa é por mim conhecida por *descrição*, e, em virtude de um princípio geral, a existência de uma coisa que responde a esta descrição pode ser inferida da existência de algo com o qual tenho contacto. Para compreender este aspecto completamente, será bom lidar primeiro com a diferença entre conhecimento por contacto e conhecimento por descrição (...)” (Russell, 2009, p. 106).

Para Russell o conhecimento pode se dar das seguintes formas:

O conhecimento de trato, ou por contato, é aquele que se dá diretamente pelos dados dos sentidos, cujo conhecimento de coisas podem ser por contato ou por descrição. Também teríamos o conhecimento por descrição. Russel afirma da seguinte forma sobre o conhecimento por contato:

“Dizemos que temos *contato* com seja o que for do qual estamos directamente cientes, sem ser por intermédio de quaisquer processos de inferência ou qualquer conhecimento de verdades. Assim, na presença de minha mesa tenho contacto com os dados dos sentidos que constituem a aparência da minha mesa (...); tudo isto são coisas das quais tenho consciência imediata quando estou a ver e a tocar a minha mesa” (Russell, 2008, p. 108).

Já sobre o conhecimento por descrição afirma o seguinte:

“O meu conhecimento da mesa é do tipo que iremos chamar de ‘conhecimento por descrição’. A mesa é o ‘objecto físico que causa tais e tais dados dos sentidos. Isto *descreve* a mesa por meio dos dados dos sentidos.

[.meuadsense] Portanto podemos perceber que, um conhecimento de descrição pode ser complementar a um conhecimento de contato. É o que me parece mais óbvio de salientar a respeito, visto que se conhecemos por contato os dados dos sentidos (o sentir a mesa) e o objeto físico por intermédio de outras inferências (fazendo assim ser um conhecimento por descrição); parece lógico assumir que um tipo de conhecimento pode ser complementar ao outro, na construção de nosso conhecimento.

Russell chega também a afirmar o conhecimento de universais, de verdades e de coisas, mas a princípio a distinção destes dois tipos de conhecimentos (contato e descrição) são suficientes para analisar (na verdade aplicar), a uma primeira vista a teoria do conhecimento por descrição e contato sobre um célebre exemplo sobre o estudo científico, elaborado por Carl Sagan.

Antes de aplicarmos ao exemplo chamado de “dragão na garagem”, é importante citar que a teoria de Russell a respeito do conhecimento, parcialmente aqui descrita, tem relação com seu posicionamento sobre a teoria da verdade. Russell é um correspondencialista, ou seja, assume que a verdade dos enunciados são obtidos quando estes estão em correspondência com a realidade.

Russell afirma: “O que descobrimos com respeito ao espaço é em grande parte o mesmo que descobrimos com respeito à correspondência entre os dados dos sentidos e as suas contrapartes”.

Agora vamos ao Carl Sagan. Carl Sagan não era filósofo, tampouco um filósofo da ciência. Entretanto um divulgador científico de uma grande competência. Em seu livro, escrito, pouco antes de sua morte “O mundo assombrado pelos demônios” Sagan deixa claro sua preocupação com a má divulgação da ciência e a multiplicação de elementos pseudocientíficos na sociedade sendo apontado como elementos científicos de fato.

Existe um capítulo, chamado “o dragão da minha garagem”, no qual explica características *ad hoc* de teorias não científicas frente ao método científico para verificá-las e falseá-las. A primeira vista pode parecer um pouco arrogante de sua parte como desfere argumentos contra o suposto interlocutor que sustentaria a existência de um suposto dragão que não é mensurável, entretanto numa ótica mais cuidadosa, verificamos que Sagan está tentando exemplificar como as pseudociências tentam fugir do escrutínio científico. É um exemplo didático, no final das contas.

Escrevi um artigo, publicado em meu *blog*, chamado “a incomunicabilidade do dragão de minha garagem”, no qual analiso o exemplo supracitado, mostro uma possível escorregada falaciosa de Sagan, mas também mostro como solucionar este problema ao interpretá-lo (o exemplo) como uma existência puramente fenomênica.

O que me interessa agora neste artigo é mostrar é que podemos traçar uma ponte entre o exemplo de Sagan, que sugiro falar de um dragão incomunicável e incognoscível (ver artigo citado em “<http://arnaldo.networkcore.eti.br/?p=410>”), e a teoria de Russell sobre as nossas formas de conhecimento.

No referido artigo eu afirmo:

“Um dragão, cuja existência não é estimável por análises de sua aparição, ou seja de seu fenômeno, e não está relacionado com nenhuma outra forma de aparição – poderíamos tentar analisá-lo não apenas diretamente, mas em relação a outras observações correlatas – é um dragão indeterminável. É, com muita possibilidade, de natureza incognoscível (se existente) ou incomunicável.” (Vasconcellos, 2010).

E anteriormente posso destacar: “Fenômeno vem do grego “*phainomenon*” que é basicamente aquilo que é observável, que tem uma aparição.” (Idem).

Por este motivo tomo então que o dragão é uma criatura, cuja dúvida de sua real existência pode ser colocada em questão: embora a não comunicabilidade do mesmo não nos força a assumir uma completa inexistência; apenas não terei garantia de sua existência.

Quando Sagan coloca sua inexistência, é interpretável como uma inexistência fenomênica, afinal afirmar uma inexistência completa seria uma possível falácia.

[.meuadsense] Entrementes, um ser cuja aparição apenas se dá para um indivíduo e que ninguém pode ter contato com o mesmo, além do relator original (portanto dados de sensações) e não se pode ter descrições do mesmo (inclusive por meio de mensurações com aparelhos, através das “pegadas fenomênicas” não é um ser estudável pela ciência). Isto significa que é um ser desimportante (se existente)? Não: apenas significa que o *escopo de estudo* da ciência não está relacionado com este tipo de objeto – simplesmente este objeto, se existente como algo além de uma projeção mental (ou seja, não apenas no conhecimento de contato, como contato mental, daquele que afirmou sua existência), não será interessante à ciência (pelo menos a física) visto que não há ponte fenomênica entre o suposto dragão e a realidade que temos contato e descrição.

Para deixar um pouco mais claro, trarei um trecho do livro de

## Sagan, introduzindo o exemplo:

*– Um dragão que cospe fogo pelas ventas vive na minha garagem. Suponhamos que eu lhe faça seriamente essa afirmação. Com certeza você iria querer verificá-la, ver por si mesmo. São inumeráveis as histórias de dragões no decorrer dos séculos, mas não há evidências reais. Que oportunidade!*

*– Mostre-me – você diz. Eu o levo até a minha garagem. Você olha para dentro e vê uma escada de mão, latas de tinta vazias, um velho triciclo, mas nada de dragão.*

*– Onde está o dragão? – você pergunta*

*– Oh, está ali – respondo, acenando vagamente. – Esqueci de lhe dizer que é um dragão invisível.*

*Você propõe espalhar farinha no chão da garagem para tornar visíveis as pegadas do dragão*

*– Boa idéia – digo eu –, mas esse dragão flutua no ar.*

*Então, você quer usar um sensor infravermelho para detectar o fogo invisível.*

*– Boa idéia, mas o fogo invisível é também desprovido de calor. Você quer borrifar o dragão com tinta para torná-lo visível.*

*– Boa idéia, só que é um dragão incorpóreo e a tinta não vai aderir.*

*E assim por diante. Eu me oponho a todo teste físico que você propõe com uma explicação especial de por que não vai funcionar.*

*Qual a diferença entre um dragão invisível, incorpóreo, flutuante, que cospe fogo atérmico, e um dragão inexistente? Se não há como refutar a minha afirmação, se nenhum experimento concebível vale contra ela, o que significa dizer que o meu dragão existe? A sua incapacidade de invalidar a minha hipótese não é absolutamente a mesma coisa que provar a veracidade dela. Alegações que não podem ser testadas, afirmações imunes a refutações não possuem caráter verídico, seja qual for o valor que possam ter por nos inspirar ou estimular nosso sentimento de admiração. O que eu estou pedindo a você é tão somente que, em face da ausência de evidências, acredite na minha palavra. (Sagan, C. In: O mundo assombrado pelos demônios. Retirado de: <http://scm2000.sites.uol.com.br/dragao.html>).*

Obviamente, o que Sagan está a querer primeiramente deixar claro com este exemplo é que existe um magistério que não é do escopo científico, e que mesmo ao se tentar escrutinar sempre haverá uma desculpa para sua não comunicabilidade. Entretanto, destaco o exemplo aqui por outro motivo: que é secundário, mas importante (e leva em consideração o que aprendemos com Russell sobre o conhecimento por descrições e por contato).

Se a ciência física trabalha similarmente como o exemplo didaticamente aponta, podemos tirar algumas conclusões. Se for conforme o exemplo deixa estabelecido, a ciência necessita de

dados sensíveis do suposto ser (exemplificado como uma série de fenômenos), portanto, primariamente se utiliza do conhecimento por contato e depois precisa de conhecimento por descrição: isso porque o trabalho da ciência em teorizar e conformar as observações em modelos, necessita primeiramente de um conhecimento de contato e depois de conhecimento por descrição.

A uma primeira análise este processo esta conforme com a teoria da correspondência da verdade, embora possamos encontrar problemas com algumas teorias que não são diretamente dadas por observação.

Assim, julgo que há um misto de coerência (coerentismo) entre teorias com dados não observáveis e correspondência entre objetos de seu escopo de estudo. Portanto a conclusão, não sei se tão óbvia, é que a ciência, pelo menos nos moldes aqui descritos, precisa que seu objeto de estudo não seja apenas algo passível do conhecimento por descrição, mas que também seja primariamente acessível por meio do conhecimento de trato.


Claro que ainda podemos encontrar problemas nesta afirmação, (como a suposição da existência de partículas elementares, ou a visão de estrelas binárias invisíveis a olho nú), mas creio que a princípio, mesmo assim estes exemplos também necessitam de um tipo de contato: mesmo que um contato virtual com intermédios de aparelhos (que é um grande problema que necessita de uma grande reflexão). Entretanto, suponho que seria assunto para um outro ensaio.

(1) – Ensaio escrito originalmente para a disciplina de teoria do conhecimento, ministrado por Herivelton Souza. UnB.

*Arnaldo Vasconcellos*

---

# Evento – Ciclo de Conferências sobre Fenomenologia


Pessoal, abaixo um evento sobre [fenomenologia](#) , conforme e-mail que recebi (texto abaixo do e-mail recebido). O evento é em Portugal, Porto (FLUP):


## *Ciclo de Conferências sobre Fenomenologia*

*26 e 29 de Novembro, 6 de Dezembro 2010 (datas confirmadas)*

*14h30 | Sala do Departamento de Filosofia (Torre B – Piso 1)  
| FLUP*

*O MLAG (Mind, Language and Action Group), grupo de investigação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, promove o **Ciclo de Conferências sobre Fenomenologia**, cujas sessões decorrerão nos **dias 26 e 29 de Novembro e 6 de Dezembro de 2010 (datas confirmadas)**, a partir das **14h30 na Sala do Departamento de Filosofia (Torre B – Piso 1) da FLUP**.*

*A primeira sessão, que será dedicada a [Husserl](#)  e a **Fenomenologia**, irá ser orientada por Pedro Alves e será apresentada no dia **26 de Novembro** (sexta-feira).*

*A segunda sessão, na qual se abordará [Heidegger](#)  e a **Fenomenologia**, estará a cargo de José Maria Costa Macedo e terá lugar no dia **29 de Novembro** (segunda-feira).*

*A terceira sessão, onde se discutirá acerca de **Sartre** e a*



*Fenomenologia*, estará a cargo de Clara Morando e irá decorrer no dia 6 de Dezembro (segunda-feira).

A última sessão, ainda sem data confirmada, versará sobre *Merleau-Ponty e a Fenomenologia* e será apresentada por Maria José Cantista.

**A entrada é livre**

Informação online atualizada:  
<http://web2.letras.up.pt/ifilosofia/gfmc/?p=activities&a=ver&id=236>

Arnaldo Vasconcellos

---

## **Suspensão do Juízo: ética, lógica ou metodologia? (Parte 1)**

Em ensaios anteriores, eu publiquei minha posição sobre a suspensão dos juízos, uma atitude de cunho um tanto cética, mas de boa serventia para o conhecimento (ver este [link](#) e este [outro](#)).

Geralmente o ceticismo é adotado como uma possibilidade de destruição do conhecimento, pois algumas pessoas encaram que a questionabilidade do que tomamos como conhecimento é um afronta ao conhecimento (ver nos *links* acima).

Com base nesta representação (que o ceticismo é um afronta ao conhecimento estabelecido) é que existem diversas afirmações, muitas das quais eu acho um tanto despreparadas: como foi

aquela que apontei nos *links acima*, no qual alguns interlocutores de cunho religioso consideravam a suspensão dos juízos como uma traição com as suas crenças.

[meuadsense]

Algumas pessoas talvez possam encarar o ceticismo como uma ética, uma forma de se manter limpo para com afirmações que não temos certeza para prosseguir, mas creio que a aplicação e a essência cética está além do âmbito ético – embora seja uma perspectiva muito séria e atraente: mas creio que a resposta ética do cético não é a essência da atitude cética, mas sim uma decorrência de sua postura (e isso não tira a importância de sua ética, muito pelo contrário, apenas coaduna com sua conduta).

Já por uma perspectiva lógica, talvez sejamos impelidos a pensar que a suspensão de juízo, esta atitude tão tipicamente cética, não seja algo lógico, pois podemos cair em “vórtices incompreensíveis”, entretanto julgo que sua natureza também está em outro ponto, que não estritamente lógico: a suspensão do juízo pode até ter, em algum ponto, seu pé na lógica, mas creio que resida quase em sua totalidade na metodologia.

E por ser metodológico, na busca de evitar danos ao que consideramos conhecimento, a própria destruição de coisas que tomamos como conhecimento é no fim construção de algo mais sólido. Isso resulta também numa atitude ética e não vejo mal nisso.

É uma metodologia, uma heurística, como já expus nos outros ensaios supracitados, mas também uma ética. É no fim um instrumento do teste, da busca e da correção do conhecimento – desde que seja usada de forma crítica (até a si mesma).

*Arnaldo Vasconcellos*

P.S.: Este ensaio terá continuação.